

Somos todos interligados!



SIMON.

Desconstruindo o mundo simbólico do preconceito étnico-racial

Sueli Santos Scremin

Professora da rede municipal de Curitiba, na Escola Municipal CAIC Cândido Portinari.
Pós-graduada em Educação Especial. **E-mail:** ileus1978@yahoo.com.br

Artur Tsuguiyoshi Hara

Bacharel em Engenharia, Master of Science, e desenvolvedor de inovações independente.
E-mail: arturhara@gmail.com

RESUMO

De um projeto de práticas pedagógicas introduziu-se o aluno a uma população diversificada, em que as pessoas merecem um tratamento igual. Mostrou-se que o povo brasileiro na sua maioria é resultante da miscigenação de índios, negros e portugueses. Relembrando a História, desconstruiu-se um mundo simbólico de preconceito, propondo-se análises do comportamento frente às diferenças. Obteve-se uma nova visão individual, levando o aluno a refletir sobre a discriminação racial, a conscientização sobre o contexto étnico-racial, gerando debates que estimularam comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância. A somatória das práticas resultou num livro, permitindo levar à sociedade os valores adquiridos.

Palavras-chave: práticas pedagógicas; sociedade; reflexões; preconceito; miscigenação.

1. NO PRINCÍPIO

Pensando na capacidade dos profissionais da educação em motivar indivíduos e ajudar na sua transformação, formação e posicionamento crítico perante o mundo, optamos por considerar a escola um ambiente sugestivo para produção e reprodução de saberes.

Também é um espaço em que a diversidade de saberes se encontra com a diversidade cultural ofertada por cada um de nós, professores e alunos, com o propósito de aprendermos uns com os outros em prol de uma sociedade melhor e mais humanizada.

A escola ajuda a formar cidadãos conscientes do seu papel como agentes transformadores da sociedade, críticos e participativos. Dessa forma, para contribuir significativamente na boa formação dos alunos, foi elaborado um projeto que deseja ver a escola participando de ações favoráveis às relações sociais, considerando as diferenças existentes entre os indivíduos que formam a sociedade.

Dessa forma, este projeto se preocupou em reconhecer e valorizar a identidade, a história e a cultura dos afro-brasileiros. E também valorizar as raízes africanas na nação brasileira, proporcionando aos alunos uma educação compatível com a sociedade democrática.

Essa necessidade se baseou em fatos concretos, observados durante os momentos em que os alunos estavam inseridos no ambiente escolar, seja em sala de aula, no pátio, durante o intervalo, no laboratório de informática ou na biblioteca.

Durante a sondagem percebemos que havia muitas brincadeiras que oprimiam uma determinada categoria, menosprezavam ou diminuía outras. Predominava o uso de apelidos e xingamentos nas relações interpessoais e hostilidade no tratamento de um para com o outro.

Percebemos, então, que é importante para o aluno ter uma formação que influencie de maneira positiva no seu comportamento dentro e fora do estabelecimento escolar. Assim, as práticas pedagógicas propostas aqui oferecem ações baseadas em políticas afirmativas de reconhecimento destinadas aos afro-descendentes. Isto é algo que está entrelaçado aos conteúdos escolares na sociedade atual, de maneira que não se pode deixar de discutir o tema com a intenção de superar as desigualdades e o preconceito.

Objetivou-se também mobilizar os alunos e suas famílias para a discussão de suas ações frente às diferenças, pois acreditamos que discutir o problema é o primeiro passo na busca de soluções favoráveis a todos.

O estudo da História é fundamental na construção da cidadania; assim é necessário uma reflexão sobre o estudo da sociedade plural, que busque a compreensão da realidade social, dos direitos e responsabilidades em relação à vida social e coletiva do indivíduo.

Por esse motivo, tentou-se desconstruir um mundo simbólico do preconceito étnico-racial em favor de uma melhoria nas relações entre nossos alunos, seja na escola ou mesmo no ambiente familiar.

E, para identificar a produção do conhecimento, o saber, e o fazer negro africano nas práticas cotidianas foi necessário situar qual o referencial de conhecimento e saber utilizado.

A cultura e as práticas culturais foram elaboradas e trabalhadas cotidianamente, transformando o conhecimento em experiência de aprendizagem, do mesmo modo que a própria experiência vivida por alguns alunos que mostraram seus exemplos, e foram transformados pelo conhecimento adquirido.

Na disciplina de História, pretendeu-se compreender os processos abolicionistas e pós-abolicionistas no Brasil e nos EUA, identificando suas diferenças e semelhanças; e analisar a origem do preconceito racial e suas manifestações ao longo do tempo histórico.

Visando despertar nos alunos o interesse pelo estudo da população negra dentro e fora da África, pensou-se em recursos como: imagens, filmes, músicas, a mídia em geral e uma abordagem sobre a visualização do “afro-americano” em relação ao “afro-brasileiro”.

Buscou-se uma ligação com a Língua Inglesa com o intuito de despertar nos alunos uma contextualização da cultura americana, proporcionando referências que permitiram uma comparação e análise da inclusão social e respeito às diferenças.

Primeiramente, apresentamos neste artigo o histórico do negro, a fundamentação teórica, apresentado através de pensamentos, preocupações e ideias. Depois, a caracterização da unidade escolar onde foi desenvolvido este trabalho, a metodologia, as discussões e apontamentos, e os resultados que pudemos observar no decorrer de nossas atividades.

2. HISTÓRICO DO NEGRO

Segundo Jaccoud et al (2002), o Brasil tem a maior população negra fora da África e a segunda maior do planeta. A Nigéria, com uma população estimada de 85 milhões, é o único país do mundo com uma população negra maior que a brasileira.

O tráfico de escravos no Brasil foi responsável pelo maior traslado humano – entre 3,6 milhões de africanos foram importados para cá, vindos de várias partes do continente africano; a escravidão gestou estruturas, relações sociais e econômicas, além de valores e conceitos relatados por Simonsen (1978).

Ao contrário do que se mostra muitas vezes como senso-comum, a aparente passividade dos negros escravizados não é realidade. Foram muitas as formas de resistência à escravidão. A forma mais conhecida foi a dos quilombos.

Os quilombos eram espaços para onde os escravos fugiam, porque não aceitavam a sua condição, e lutavam contra a escravidão. Pela maneira como se contrapunham à escravidão, eles foram vistos como uma proposta alternativa de sociedade. Nessa perspectiva, tanto a cultura como as práticas sociais e religiosas foram reinventadas pelos negros a partir da resistência, de agrupamentos e movimentos organizados.

Desde os primeiros quilombos, formados pelos fugitivos das levas de africanos que aqui chegaram na condição de escravos, até os mais recentes movimentos em que lutam pela posse da terra dos seus ascendentes, os negros não pararam de lutar e resistir contra a escravidão e as mazelas por ela deixada.

De um jeito ou de outro, as organizações negras, como as irmandades, foram espaços de preservação e sociabilidade para esses grupos. Outros movimentos organizados surgiram na imprensa, com jornais como Menelik, Alfinete e Clarim da Alvorada.

A Frente Negra Brasileira foi outra organização importante, que contava com cerca de 400 membros que andavam uniformizados e gozavam de certo prestígio junto às autoridades e à população em geral. O Teatro Experimental do Negro (TEN) surgiu a fim de inserir, no teatro brasileiro, o elemento negro como tema, intérprete ou criador.

A Associação Cultural do Negro (ACN), que reuniu nomes como Solano Trindade, Abdias do Nascimento e Fernando Góis, apesar de ter uma proposta de aglutinar vários segmentos culturais do país, tinha também a preocupação de construir uma ideologia para o negro brasileiro.

As escolas de samba também foram e são importantes centros que congregam negros, proporcionando a eles um espaço de sociabilidade e interação cultural conforme Santos (2006).

No que tange a religião, a forma de sobrevivência encontrada foi o sincretismo, um casamento das religiões de origem africana com o catolicismo, o que manteve durante todo o período escravista, os seus deuses escondidos por trás dos santos católicos.

De acordo com Valente (1995), durante a escravidão no Brasil, o negro era uma mercadoria, considerado “não-humano”, e não tinha com quem competir nesta situação.

Depois que os negros se tornaram livres e passaram a disputar posições com os imigrantes e com outros brancos, numa situação de “igualdade” de direito, o preconceito e a discriminação passaram a ser utilizados como armas da competição, estabelecendo a desigualdade.

Muita coisa mudou desde o tempo da escravidão. Porém, há uma matriz para o problema enfrentado pelos negros no país. Segundo Valente (1995), essa matriz foi gerada com as formações capitalistas.

Escravidão e capitalismo não se confundem, mas se relacionam: o capitalismo criou e depois destruiu a escravidão. O trabalho escravo foi a base sobre a qual o capitalismo pôde se desenvolver, funcionar e expandir em sua fase mercantil, caracterizada pela produção de mercadorias nas colônias e sua comercialização entre as metrópoles européias. E o mercantilismo, por sua vez, criou algumas condições básicas à passagem para a fase seguinte do capitalismo a industrial e a monopolística (VALENTE, 1995, p.12).

Mesmo com as mudanças nos sistemas econômicos, nas relações de trabalho e nas formas de opressão, verificamos que os negros continuaram e continuam a ser ideologicamente definidos como inferiores.

No período pós-abolição, a ausência de um sistema legal e explícito que definisse as desigualdades e, ainda, os traços africanos visíveis na cultura brasileira, serviu como argumento para que o Estado e a sociedade desconsiderassem a necessidade de se criar mecanismos para a inclusão do povo negro no processo de desenvolvimento nacional.

Só a partir da década de 1930, é que surge nas teses sobre a miscigenação e na forma envergonhada de expressão do discurso racista, uma ideia que se consolidou no país, o mito da democracia racial. Durante a maior parte do século XX, foi inibido o combate ao racismo e diminuiu-se o valor da organização cultural e política dos negros.



2.1 CORES DIFERENTES, CORAÇÕES IGUAIS

Ao estudarmos um pouco da história do negro, verificamos que muitas vezes não refletimos sobre nossas ações e nos vemos em situações de discriminação e racismo. Adão Ventura (1988) nos faz pensar em nossas condutas com relação ao outro no poema “Para um negro”:

*Para um negro
a cor da pele
é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco*

*Para um negro
a cor da pele
é uma faca
que atinge
muito mais em cheio
o coração.*

Durante o debate em sala de aula, os alunos criaram o título: “Cores Diferentes, Corações Iguais” após a leitura e interpretação do poema de Ventura (1988).

Ao estudarmos o poema, percebemos que todos sofrem quando existem ações discriminatórias, pois segregamos um grupo de pessoas de origens raciais diferentes. Determinados países praticaram e praticam até hoje a discriminação estabelecendo cordões de isolamento, delimitando espaços diferentes para os membros de um determinado grupo étnico.

Isto aconteceu nos Estados Unidos da América. Os estados sulinos como Mississippi e Alabama

possuíam Constituições segregando o negro em restaurantes, praças e até igrejas.¹

Dessa forma, este projeto partiu de dois conceitos principais: antropológico cultural e sistema simbólico. Eles são interdependentes, para estabelecer a discussão acerca do preconceito étnico-racial, sejam culturais ou simbólicos.

Com relação ao conceito antropológico cultural, percebemos que cultura e civilização formam um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. Esta, onde todos os grupos sociais e étnicos possuem histórias relacionadas entre si e também distintas do que se convencionou como História do Brasil.

O conceito de raça trabalhado nos conteúdos de História tem sido abordado de forma preconceituosa e discriminatória sob três aspectos: a civilização branca, os povos indígenas e afrodescendentes, o que pode inconscientemente contribuir para o crescimento do preconceito étnico-racial.

O primeiro aspecto aponta para o problema de considerar somente o homem branco civilizado; o segundo dispõe que os moradores da floresta são os índios, sem respeitar as especificidades e diferenças de cada grupo (exclui pela diferença); e, finalmente, o terceiro considera a raça como fruto de um único território no mundo, um continente que também não é respeitado em suas especificidades.

Assim, pode-se perceber que, no fundo, a questão racial, por mais nomenclaturas que receba, ainda é - preconceituosamente - determinada pela cor da pele.

1 História dos Estados Unidos (1945-1964). [http://pt.wikipedia.org/wiki/História_dos_Estados_Unidos_\(1945-1964\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/História_dos_Estados_Unidos_(1945-1964))

2.2 CONCEITO DE SISTEMA SIMBÓLICO

Um sistema simbólico define mecanismos de controle, regras e instruções, indicando o que o nativo daquela sociedade deve ou não fazer e como se comportar.

Dessa perspectiva, a cultura é vista como um código de símbolos partilhados, e toda prática social é relativa, provida de sentido e lógica para aqueles que a praticam.

Doravante, uma das formas de se restabelecer os códigos simbólicos seria através da identificação do que seja a diversidade étnico-racial e as formas pelas quais ela é vivenciada por diferentes grupos da sociedade brasileira, como considera Fúlvia Rosenberg (2013).

O caminho mais viável para a superação das desigualdades raciais, além de denunciar e quebrar a estratégia do silêncio sobre o racismo brasileiro, que parece ser ainda mais intensa em outros países latino-americanos, seria a preocupação política e social. Especialmente, uma preocupação educacional em se discutir políticas que estabeleçam normas de conduta, em que os cidadãos estejam conscientes da igualdade entre os povos, beneficiando desta maneira todas as pessoas.

3. CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR

O projeto foi realizado na Escola Municipal CAIC Cândido Portinari, criada pelo Decreto n.º 948/93. Está localizada próxima ao Parque dos Tropeiros, e ao Bosque São Nicolau, região que vem apresentando desenvolvimento acentuado em todas as áreas: pavimentação, rede de água e esgoto, e linhas de ônibus.

A escola oferece Educação Básica, da educação infantil até o ensino fundamental. Também conta com bons profissionais, além de diversos recursos que favorecem o processo de ensino e aprendizagem.

Em média, dois mil alunos são atendidos, dentre os quais também se incluem alunos com necessidades especiais. Considerando a situação em que se encontram individualmente estes alunos, priorizam-se ações educacionais específicas e que oportunizem o acesso, a permanência e o êxito destes no espaço escolar.

Há uma boa biblioteca, onde os alunos, professores e comunidade têm acesso à leitura e informação. A biblioteca foi um dos recursos utilizados com frequência durante a construção deste trabalho. Lá os alunos realizaram inúmeras pesquisas em livros diversos, incluindo dicionário, o que facilitou o processo de ensino e aprendizagem.

Os alunos também utilizaram o laboratório de informática, com máquinas novas e profissionais bem preparados que acolheram a ideia do nosso projeto e ensinaram os alunos a utilizar a Internet, o que facilitou significativamente a pesquisa. Nossos alunos tiveram contato com diversos textos por esse meio, que foram usados durante o projeto.

Dessa forma, a informática na escola possibilita a construção de estratégias e habilidades necessárias para a compreensão e inserção no mundo atual. A escola tem se organizado para que este laboratório seja utilizado também pelos alunos de 5ª a 8ª série pelo menos uma vez por semana. Além disso, dispõe de um ótimo laboratório de Ciências.

No sentido de resgatar o significado da escola, para os alunos e suas famílias, perguntou-se sobre a importância dela para os pais. Diante deste questionamento, os professores percebem que muitos pais estão mais integrados à escola e conscientes da responsabilidade do professor. Trabalhamos com os pais dos nossos alunos do 6º ano do ensino fundamental. Todos levaram para casa um questionário com a sugestão de que fosse feito em um determinado momento em que os pais ou responsáveis se sentissem a vontade para atender a pesquisa escolar de seus filhos. No questionário havia perguntas a respeito da escola, a importância do estudo na formação do cidadão; os direitos garantidos por lei de igualdade entre todos; se os pais tiveram a oportunidade de estudar; se as es-

colas realizam um trabalho satisfatório ao trabalhar com temas polêmicos como a questão da paz entre os povos, as desigualdades e a diversidade.

As respostas afirmam a importância social da escola e muitos pais descreveram-na como “garantia do futuro da cultura do país”; “base de desenvolvimento intelectual”; “abrir horizontes”; “para a formação moral, intelectual, afetiva e social” e outros.

Citam a importância de ler, escrever, conviver com um novo grupo social, adquirir valores morais, orientação para sua vida, e, principalmente, fala-se no futuro promissor, digno, que os alunos poderão ter se conseguirem estudar e tiverem uma formação escolar para ser alguém na vida.

Percebe-se a preocupação dos pais quanto a este futuro, pois entendem como prioritária a preparação para o trabalho, visto que hoje é fundamental, até pelas próprias dificuldades financeiras que eles enfrentam.

4. METODOLOGIA

Acredita-se que os profissionais da educação sejam peças fundamentais para ajudar a combater o preconceito existente, mostrando um lado da cultura afro que muitos livros não se preocuparam em abordar.

Preconceito se define no dicionário Michaelis (2002) como “conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados, superstição que obriga a certos atos ou impede que eles se pratiquem, antipatia ou aversão a outras raças, religiões, classes sociais etc”. Portanto, é algo pensado de raciocínio elaborado que compõe um sistema simbólico partilhado pela prática social.

Consideramos alguns conteúdos e posturas que puderam contribuir para desconstruir um universo simbólico, pelo qual a cultura afro-brasileira era mostrada, com o objetivo de superar o racismo na escola. Além de formar uma consciência crítica, de que a libertação dos escravos foi um passo fundamental para a evolução da humanidade, no sentido da compreensão do valor da igualdade.

Para tanto, propusemos a seguinte indagação: “Como romper os mecanismos de preconceito étnico-raciais estabelecidos pelo nosso sistema simbólico de valores sociais?”

A partir da indagação, desenvolvemos inúmeras atividades com vários alunos, de forma a colocar o aluno frente a frente com as diferenças, com reflexões, análises, discussões e ações sobre a sociedade na qual estavam inseridos, repleta de pessoas de diversas etnias.

Primeiro, foi levado para a sala de aula uma proposta de trabalho com uma série de textos sobre a cultura afro. Isto fez os alunos refletirem e

discutirem a pluralidade cultural, visando suscitar atitudes de respeito entre os diferentes grupos e culturas que a constituem.

Trabalhou-se com o livro “África e Brasil Africano” de Marina de Mello e Souza (2008), para mostrar o que existe de africano no Brasil. Foram utilizadas ilustrações contidas no livro, além de outros materiais para criar um clima de sensibilização.

Levou-se aos alunos o conhecimento sobre lendas, contos, mitos, e cantigas que têm como cenário o universo negro, a cultura africana. Também foi mostrado todo o contexto histórico dos negros no Brasil.

Ao abordarmos a questão da vida dos negros no Brasil, caminhamos em um debate no qual os alunos perceberam que o ato discriminatório não ocorre só com os negros. Dessa forma, conversamos sobre a cultura indígena, entre outras.



O debate marcou o ponto inicial para o desenvolvimento dos trabalhos, que foi enriquecido pelas inúmeras informações que os alunos trouxeram. Após este primeiro momento, levamos para a sala dicionários para a pesquisa de palavras como preconceito, discriminação, negro, entre outras, além de alguns contos africanos que lemos para os alunos, incentivando-os na construção de poesias que retratassem o assunto discutido. Conforme CENAP (2007), podemos citar os contos: “A Menina que não falava”, “A Gazela e o Caracol”, “O Homem Chamado Namarasotha”, entre outros.

Os alunos construíram poemas que foram compartilhados com as demais turmas em exposição na escola, iniciando, dessa forma, o conteúdo que iria para um livro ao final do projeto. Observamos a alegria dos alunos em mostrar seus textos para outros alunos e professores, o que possibilitou ao aluno uma formação integral, resgatando valores e culturas.

Optou-se por utilizar o discurso de “I have a dream” de Martin Luther King, mostrando o original em inglês e depois traduzindo para os alunos. Nesse momento, o aluno Marlon, da 5ª série F, afirmou que o nosso trabalho é assunto de debate há muito tempo pelas pessoas do mundo inteiro. Essa fala fez com que o trabalho ficasse mais enriquecido, nossos ideais acompanhando os ideais de outros povos, em outros países.

Depois do discurso, os alunos apreciaram a música “Lavagem cerebral” de Gabriel, O Pensador e iniciaram a criação de cartazes, onde colocavam figuras de várias pessoas, de diversas culturas e cores, com a seguinte frase: “Sou diferente e daí? Sou gente como você!”

Finalizamos a atividade com uma apresentação oral dos trabalhos, que deixou os alunos felizes por estarem falando para seus colegas sobre esse tema tão polêmico em busca de igualdade.

Como estamos trabalhando de maneira interdisciplinar, achamos oportuno usar a letra da música “Imagine” de John Lennon. Passamos o videoclipe da música e depois iniciamos a construção das frases que tinham como tema “Para um mundo mais justo é preciso...”.

Com essas ações desenvolveram-se mais e mais conteúdos em texto e imagens a serem postos no livro.

comunidades, nos mais diferentes aspectos: objetos, costumes, canções, rituais, encontrados na religião, na culinária, nos modos de tecer e de vestir.

É imprescindível para o entendimento desses saberes os nexos entre educação e cultura, considerando que uma não existe sem a outra. Assim, entrelaçando-se de forma a dar essência ao ser, indiferente da sua individualidade. O homem é sujeito que acolhe involuntariamente as questões que o cercam na sociedade, seja ela presente ou passado, construindo, assim, sua memória. O projeto priorizou a abordagem de conteúdos e práticas pedagógicas que contribuíssem para o senso crítico dos alunos, professores e demais educadores para a diversidade étnico-racial.

5. DISCUSSÕES E APONTAMENTOS

*O sol de ontem pode ter se posto,
mas sua luz iluminará os dias que virão.
(Provérbio Africano)*

Conforme Ratts e Damascena (2006), o patrimônio cultural da população negra é composto de bens materiais e imateriais, que são expressões dessas

Objetivando transformar em realidade tais relações sociais, procuramos apresentar o conceito de identidade aos nossos alunos, ao descobrirem que a identidade é um processo e não algo imutável. Então ficaram maravilhados com a possibilidade de construir uma identidade significativa em suas vidas e levaram tal conceito para suas casas com o intuito de discutir em família.

Após um debate sobre os resultados obtidos na discussão com as famílias, os alunos compartilharam de uma roda de conversa na qual estudamos juntos os significados das palavras preconceito, discriminação e exclusão social.

Durante a roda de conversa, cada um refletiu sobre suas atitudes e contou um caso particular em que tenha existido uma ação de preconceito, discriminação ou exclusão social. Surgiu uma construção de textos falando a respeito do preconceito e discriminação racial como forma de reconhecer e respeitar as diferenças entre as culturas.

Entusiasmados, nossos alunos construíram seus textos manuscritos e depois digitaram os trabalhos no laboratório de informática da escola, felizes por estarem gostando de aprender a conviver melhor entre eles mesmos e com a sociedade em geral.

O trabalho da produção de textos poéticos foi visto por toda a escola e muito elogiado por professoras e alunos, o que encheu o grupo de estudantes escritores de orgulho, pois compreendiam a importância de compartilhar a pesquisa que valoriza e respeita todas as etnias.

Os outros alunos, que não estavam executando o mesmo projeto, visitaram nossas turmas e perguntaram se iriam participar do projeto também e foram bem acolhidos contribuindo e partilhando ideias.

Foi um sucesso o mural construído em um dos corredores da escola com imagens das atividades dos alunos, além de mensagens e textos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propiciou-se um espaço crítico de análise comparativa entre a questão racial no Brasil e nos Estados Unidos da América. E também se compreendeu os processos abolicionistas e pós-abolicionistas de ambos os países.

Consideraram-se os mais diversos elementos presentes nas práticas das relações sociais, como a alimentação, o vestuário, a oralidade, a diversidade e a complexidade da realidade histórica da população afrodescendente. Houve então um conteúdo multidisciplinar, permitindo relacionar a disciplina de Língua Inglesa com a disciplina de História.

A somatória dos estudos permitiu a construção de um livro que abordasse lições de condutas em favor de uma cidadania igual para todos. No livro, obtivemos a abordagem da cultura americana para compararmos duas realidades em um contexto mundial.

Nossos alunos afirmaram que suas vidas estavam mudando a partir do projeto, pois haviam conquistado o respeito dos colegas e familiares ao assumirem uma posição que visa respeitar e valorizar todas as pessoas, considerando suas diferenças.

Desenvolveram autoconfiança e auto-estima ao expressarem ideias, sentimentos e respeito com os colegas. Compartilharam experiências, valorizaram o diálogo, a solidariedade e a justiça. Adotaram atitudes de respeito e cooperação.

Um dos alunos afirmou que após a execução do projeto passou a ser mais tolerante com alguns colegas e passou a repudiar o preconceito, a discriminação e a exclusão social. O importante foi saber que todos estavam mais amigos.

As brigas que ocorreram antes nas turmas que realizaram o trabalho não aconteciam mais. As palavras em um momento de discordância eram pensadas. E a alegria transmitida nos olhos de cada um ficou evidente ao pedirem para que não parássemos o trabalho do livro que fizeram e nos comprometemos então a continuar nosso trabalho no próximo ano, talvez criando um novo livro.

Ficamos felizes quando nossos alunos finalizaram o trabalho da execução do livro da turma, deram as mãos e disseram juntos:

— Professora, somos todos interligados!





Referências bibliográficas

CENAP. **Cadernos de Apoio à Prática Pedagógica - Contos Africanos**. Coordenadoria de Ensino e Apoio Pedagógico - CENAP. Sistema Municipal de Ensino, Prefeitura de Salvador, 2007.

JACCOUD et al. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental**. Brasília: Ipea, 2002.

MICHAELIS. **Dicionário escolar - língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2002. ISBN 85-06-03436-1

RATTS, Alex. DAMASCENA, Adriane A. **Participação africana na formação cultural brasileira. Educação africanidades Brasil**. MEC - SECAD - UnB - CEAD - Faculdade de Educação. Brasília. 2006. p. 168 -183.

ROSEMBERG, Fúlvia. **É preciso mais negros na universidade para ampliar seu espaço social**. Disponível no site: <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/cotas-para-negros/12853-fulvia-rosemberg-e-preciso-mais-negros-na-universidade-para-ampliar-seu-espaco-social> - acesso em 25/06/2013

SIMONSEN, Roberto. **História econômica do Brasil 1500-1820**. Cia. Editora Nacional, 1978

SOUZA, Marina de Mello. **África e Brasil Africano**, Ática, 2008

VALENTE, Ana Lucia E. F. **Ser Negro no Brasil Hoje**, Moderna, 1995

VALENTE, Ana Lucia. **Educação e diversidade cultural, um desafio da atualidade**, Moderna, 1999

VENTURA, Adão. **A cor da pele**, ed. Belo Horizonte, Edições do Autor, 1988